

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, 253 p.

Efeitos feministas na nova geração de poetas brasileiras: *As 29 poetas hoje*

Taís Bravo Cerqueira*

Nos últimos anos, as pautas feministas tornaram-se presentes não só dentro dos movimentos sociais, mas como questões a serem defrontadas em diversos campos de nossa sociedade, entre eles, a literatura. Uma destas questões é a reivindicação de uma maior representatividade de mulheres em espaços de poder, por exemplo, assumindo cargos de tomada de decisão. No caso do campo literário, aponta-se para a problemática da autoria de mulheres que, com frequência, não são visibilizadas e legitimadas em todas as etapas da cadeia editorial, desde a publicação de livros até a presença em festivais e o reconhecimento de premiações. Na literatura, é possível afirmar que já são visíveis alguns efeitos destas reivindicações a partir de um pensamento e de uma prática feminista. Isso se dá principalmente porque aquelas que se dispuseram a criticar a ausência de representatividade de mulheres em espaços de poder também se movimentaram para apoiar e visibilizar de forma estratégica a escrita de mulheres. Exemplos concretos são iniciativas brasileiras como o *Slam das Minas*, *Leia Mulheres*, *Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras* e *Mulheres que Escrevem*, além de editoras voltadas exclusivamente para a publicação de autoras como a *Quintal* e a *Jandaíra*.

* Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na Puc-Rio, com bolsa de fomento à pesquisa CAPES, e mestre em Ciência da Literatura pela UFRJ, com bolsa de fomento à pesquisa CNPq. Autora do livro *Expansão Marítima* (2024, Edições Macondo) e *Sobre as linhas extintas* (2018, Urutau) e das plaquetes *Houve um ano chamado 2018* (2019, Edições Macondo) e *Ato para desembulhar o vício* (2019, Editora 7 Letras). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3306-6552>

Um outro exemplo concreto do efeito de uma insurgência feminista no Brasil contemporâneo é a presença expressiva de jovens mulheres na nova geração da poesia brasileira. Desde 2015 – ano em que ocorreu a chamada Primavera Feminista –, há o aparecimento de autoras que, influenciadas por manifestações nas redes e nas ruas, fabricam imagens poéticas insurgentes em uma escrita cujo tom e os temas trazem à tona perspectivas de vivências próprias de corpos feminizados, nomeando, assim, afetos e experiências que até então eram silenciados. É justamente esta geração de autoras que a antologia *As 29 poetisas hoje* busca apresentar. Organizada por Heloisa Buarque de Hollanda e publicada em 2021 pela Companhia das Letras, *As 29 poetisas hoje* faz parte de um projeto editorial de sua organizadora. Ao longo dos últimos anos de sua vasta trajetória profissional, Buarque de Hollanda vem atuando enquanto curadora e intelectual, produzindo antologias que se desdobram em duas principais frentes de trabalho: a apresentação de artistas brasileiros e a divulgação de pensadoras teóricas feministas, em especial internacionais.

No texto de apresentação da mais recente antologia, intitulado “É importante começar essa história de algum lugar, ainda que arbitrário”, a organizadora comenta como o contato com o feminismo foi um critério fundamental para a seleção de poemas de *As 29 poetisas hoje*: “Saí em campo e mergulhei na poesia de mulheres sobretudo das jovens que fossem, de alguma forma, afetadas pela quarta onda feminista” (Buarque de Hollanda, 2021, p.25). Portanto, é possível afirmar que *As 29 poetisas hoje* é uma espécie de síntese entre os dois eixos da trajetória editorial de Heloisa Buarque de Hollanda, unindo tanto o seu olhar curatorial para a poesia brasileira quanto seu

interesse para a produção de pensamentos e práticas feministas. A marcação de gênero a partir do artigo feminino no plural “As” e a mudança do número para “29” indicam, assim, uma atualização da antologia de 1976: agora a produção poética é inteiramente escrita por mulheres e por mulheres que se vinculam ao feminismo, movimento que é apresentado como um elemento particular da geração de poetisas da contemporaneidade brasileira.

Buarque de Hollanda, ao explicitar as escolhas que nortearam a edição da antologia, propõe uma reflexão em torno do termo “poesia feminista”, deflagrando um certo incômodo em nomear a produção de poetisas contemporâneas a partir de tal rótulo: “Diante da onda feminista que nos surpreende hoje, me fiz uma pergunta inevitável: existe uma poesia feminista? Por outro lado, uma segunda pergunta atropela a primeira: seria possível nomear uma poesia como feminista?” (Buarque de Hollanda, 2021, p. 24). Com receio da adjetivação “feminista” produzir uma espécie de reducionismo das escritas poéticas de mulheres, a organizadora de *As 29 poetisas hoje* elucida que, na verdade, se propõe a pensar o feminismo enquanto uma força que produz um impacto nessa nova geração, como afirma no seguinte trecho:

Prefiro pensar numa poética que, agora, passa a ser modulada por uma nova consciência política da condição da mulher e do que essa consciência pode se desdobrar em linguagens, temáticas e dicções poéticas”. (Buarque de Hollanda, 2021, p. 24).

Se há nessa poesia contemporânea escrita por mulheres brasileiras a presença de uma espécie de “consciência política da condição de mulher” que, por sua vez, fabrica novas imagens poéticas, é possível, então, considerar que essa poesia produz um pensamento feminista? Em outras palavras, seria a literatura,

mais especificamente a poesia, um campo criativo capaz de produzir questionamentos e concepções que enriquecem o pensamento feminista tanto quanto o campo teórico? Como a teoria e a prática feminista vem afetando a escrita literária, em especial a poética? Se consideramos a poesia, nos termos da poeta e teórica estadunidense Audre Lorde, como um meio de nomear, ou seja, colocar em palavras sentimentos e ideias que até então existiam inomináveis, pode essa poesia das 29 poetisas hoje contribuir para expandir um vocabulário de enunciações feministas? Estas são algumas das questões que podem ser levantadas a partir da leitura de *As 29 poetisas hoje*.

Segundo Buarque de Hollanda, a seleção dos poemas que compõe a recente antologia demonstra a existência de uma nova experiência com a linguagem a partir de “um ponto de vista próprio e irreversível e o enfrentamento sistemático do cotidiano, dos desejos e dos custos de ser mulher”(Buarque de Hollanda, 2021, p. 26). Entre esses temas que perpassam a rotina, a busca pelo prazer, assim como a reação a violência e opressões, está presente sempre, como um elemento incontornável, o corpo. Conforme a organizadora de *As 29 poetisas hoje* elucida, o corpo, o corpo feminizado, é um elemento que atravessa a antologia, expondo como nessa nova dicção “o corpo – seus direitos, seus sentidos, seu alcance – se expressa sem muitas voltas, numa dicção direta, talvez até agressiva [...]” (Buarque de Hollanda, 2021) ou seja, o corpo escrito por essa poesia concentra-se em sua materialidade. Não é um objeto poético que transcende aos limites da realidade concreta, tampouco é idílico ou romantizado. Pelo contrário, entre essas poetisas torna-se possível nomear e falar sobre experiências vividas com o corpo que ainda são interditas ou censuradas. Um exemplo é o modo direto e brutal

como Adelaide Ivanóva escreve em “o urubu” sobre o exame de corpo de delito, expondo a aderência à cultura do estupro por parte das instituições de políticas públicas. Outro exemplo é o poema “das vezes que me tornei branca” no qual Nina Rizzi descreve um processo em que o corpo é continuamente atravessado por discursos e atos racistas.

Há ainda um outro aspecto considerado como particular desta geração de poetas: as diferentes estratégias de circulação e divulgação de suas obras. Buarque de Hollanda ressalta as articulações coletivas que permitem uma recepção mais ampla do trabalho poético dessa geração através de “*blogs, hashtags, sites, coleções, coletivos, editoras independentes, antologias, muitas antologias*” e menciona iniciativas como *Leia Mulheres e Mulheres que Escrevem* – já anteriormente citadas nesta resenha. Além da divulgação realizada a partir de um esforço coletivo através de plataformas digitais, as poetas contemporâneas se fazem presentes em performances, saraus e batalhas de *slam*, de modo que o corpo é mais do que um tema, tornando-se uma plataforma dessa produção poética. Visto que a oralidade é, portanto, uma característica singular dessa geração, *As 29 poetas hoje* apresenta não apenas a poesia escrita de suas autoras selecionadas, mas também o registro em vídeo de suas performances, como a organizadora explica:

Entendendo que essas poetas não merecem estar confinadas na apresentação convencional de um livro impresso e respeitando a estética da poesia do *slam*, escolhi apresentar, neste livro, o registro ao vivo de suas performances, que podem ser acessadas através de um QR Code” (Buarque de Hollanda, 2021, p. 33).

Apesar da diversidade ser considerada como um dos critérios para a seleção de poetas, já que trata-se de uma geração permeada por “muitas vozes fora do eixo dominante,

heteronormativo e branco: são vozes lésbicas, vozes negras, vozes trans, vozes indígenas, interseccionais” (Buarque de Hollanda, 2021, p.31), a antologia expõe um recorte limitado no que diz respeito à multiplicidade regional: Entre as 29 autoras apresentadas apenas uma é da região Norte, sete são do Nordeste, três são do Sul e dezoito são do Sudeste, sendo entre essas dez do Estado do Rio de Janeiro e oito do Estado de São Paulo. Desse modo, é notável que a *As 29 poetisas hoje* se concentra de forma mais significativa na produção poética do eixo Rio-São Paulo, o que pode indicar que a curadoria parte também de uma rede de afetos e convivência, isto é, a maioria das poetisas selecionadas estão dentro de um circuito de produção literária do qual a organizadora faz parte.

Por último, torna-se relevante comentar que há em *As 29 poetisas hoje* uma espécie de impulso ao passado diante do contemporâneo. Como indica o próprio título do texto de apresentação – “É importante começar essa história de algum lugar, ainda que arbitrário” –, a pesquisa e a curadoria de poetisas contemporâneas brasileiras é movida por um olhar em diálogo com uma geração anterior de poetisas. Assim, a invenção de um cânone da poesia brasileira escrita por mulheres norteia as escolhas de Heloisa Buarque de Hollanda enquanto curadora. Esse cânone estabelecido por “livre e espontânea vontade” traça, por sua vez, uma genealogia linear e diacrônica cujo ponto de partida é justamente Ana Cristina Cesar, como o seguinte trecho elucidado:

Talvez, no fundo, o que eu estivesse procurando fosse reviver o gosto e o susto de estar frente a frente com uma quantidade de poetisas desconcertas, lembrando meu trabalho em 26 poetisas hoje, em 1976 – livro no

qual Ana Cristina Cesar foi revelada”. (Buarque de Hollanda, 2021, p.25)

O começo ao qual a organizadora de *As 29 poetas hoje* se refere no título de seu texto é, portanto, a sua própria antologia publicada há 45 anos. Assim, Buarque de Hollanda determina um

“Efeito Ana C. como o marco fundador de uma certa poesia brasileira de mulheres e traça um itinerário dessa produção poética, o qual se inicia e se completa por meio destas duas antologias. Para forjar esse itinerário, a organizadora institui um jovem cânone da poesia de mulheres que se localizaria entre a geração de agora e a de Ana C.: Podemos dizer, ainda que de forma meio arbitrária, que Ana foi o solo do que eu chamaria de jovem cânone da poesia de mulheres, a saber: Angélica Freitas, Marília Garcia, Alice Sant’Anna, Ana Martins Marques e Bruna Beber”. (Buarque de Hollanda, 2021, p.11).

Segundo Buarque de Hollanda,

“Essas poetas são as que, com mais evidência, experimentaram o legado de Ana Cristina César, ou, melhor dizendo, o Efeito Ana C. E também porque, até segunda ordem, parecem ser as que mais influenciaram e mesmo se constituíram como referências para a poesia mais jovem praticada hoje entre nós”. (Buarque de Hollanda, 2021, p. 12).

Assim, a autora Angélica Freitas é escolhida como o verdadeiro elo entre as 29 poetas de hoje e as gerações influenciadas por Ana Cristina César, sendo considerada como “a grande referência da poesia feita por jovens feministas” (Buarque de Hollanda, 2021, p. 20). Simulando um cânone que se arquiteta por influência e substituição, seguindo um modelo semelhante a uma lógica patrilinear, Buarque de Hollanda institui que a produção poética de Freitas seria o que a poesia

de Ana C. um dia foi, afirmando que *Um útero é do tamanho de um punho* “parece ser o *A teus pés* da novíssima geração” (Buarque de Hollanda, 2021, p.20). Cabe, neste ponto, ressaltar que o jovem cânone de poetisas mulheres, o qual antecede *As 29 poetisas hoje*, estabelecido por Heloisa Buarque de Hollanda é composto, exclusivamente, por mulheres brancas, oriundas do Sul e do Sudeste e que, atualmente, são todas autoras publicadas pela Companhia das Letras, mesma editora de sua mais recente antologia.

Desse modo, talvez seja interessante indagar como um cenário contemporâneo marcado, nas palavras da própria organizadora, por vozes tão diversas pode ser oriundo de uma linhagem de influência restrita apenas a uma mesma tradição poética. Parece contraditório que Heloisa Buarque de Hollanda seja capaz de vislumbrar no presente uma insurgência de vozes que produz novas linguagens, ao mesmo tempo que apresenta um olhar para o passado que o fixa exclusivamente a um cânone linear e limitado. Assim, é questionável o quão produtivo, em uma perspectiva feminista, é forjar um cânone para determinar a existência de uma genealogia de mulheres na poesia. Talvez um outro caminho possível seja apontar o que fica de fora desse cânone, as influências que foram apagadas e silenciadas pelas forças patriarcais e, então, investir formas de revisá-lo. Em vez de inventar um cânone, o que parece ser de fato possível diante das múltiplas vozes que emergem na antologia *As 29 poetisas hoje* é uma revisão de nossa tradição literária, tecendo, assim, uma genealogia de mulheres que não se forja pela linearidade, mas abre espaço para investigar as suas lacunas.

Referências:

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. São Paulo: Autêntica, 2019.